

MUÑOZ, Luis Antonio – *A história oculta da música*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2021. ISBN: 978-84-184-178-6.

Encontro de investigadores, reputados especialistas nas respetivas áreas de saber, nem por isso as comunicações do Seminário, agora vazadas no presente volume, andam longe dos interesses do homem comum, com valores de cidadania e cultura, medianamente informado e desejoso de consolidar e aprofundar os seus conhecimentos sobre a história do coletivo a que pertence.

Muito recentemente, a editora A Esfera dos Livros publicou *A história oculta da música*, do investigador madrileno Luis Antonio Muñoz, maestro, compositor, cantor lírico e apresentador na Rádio Clássica da Rádio Nacional de Espanha (RNE). A obra, coerentemente estruturada em 11 capítulos agrupados tematicamente em três partes, precedida de um capítulo introdutório: “A origem mágica da música”, não pretende ser exaustiva, o que resulta um facto positivo, já que oferece ao leitor uma panorâmica geral e abrangente da temática. Em contrapartida, em alguns momentos, o tratamento de determinados aspetos pode parecer algo reducionista e demasiado conciso, pela falta de um maior e mais aprofundado desenvolvimento. É o que acontece, por exemplo, no capítulo 2: “A alquimia e a enigmática musical”, mais concretamente no subcapítulo dedicado aos enigmas musicais e às harmonias secretas, onde falta alguma profundidade no tratamento da denominada música enigmática, na sua relação com a emblemática (p. 63-66) e a visão simbólica do mundo, cujo precursor foi Andrea Alciato, com o seu *Emblematum Libellus* (1531).

Antes de abordar a matéria propriamente dita, o autor esclarece sobre “como ler (e escutar) este livro” (p. 19-20), assumindo um papel de guia para a construção de uma experiência mais concreta relativamente à evolução dos aspetos ocultos da música, contribuindo para a solidificação das ideias que vão sendo expostas através de uma abordagem sonora. Nesse sentido, encontramos ao longo das páginas, em notas de rodapé, inúmeros *links* para aceder a outras tantas interpretações alocadas no Youtube, onde o leitor tem a oportunidade de ouvir (e ver) a execução de diversas peças e fragmentos musicais, numa espécie de *in situ* digital que o aproxima das diversas sonoridades resultantes das diversas tentativas de recriação, por parte de músicos e investigadores, dos aspetos mais misteriosos e ocultos da evolução da história da música. A este respeito, resulta particularmente interessante a reprodução de música egípcia (*Himm to the seven hathor/Himm 510 from the pyramid texts*, p. 23, nota 4), ou

os cantos dos Templários (*Le Chant des Templiers*, p. 53, nota 14). Assim sendo, *A história oculta da música* transforma-se num livro interativo o que é, por si só, uma mais-valia, especialmente para aqueles menos versados nestas matérias.

Ao longo de toda a obra – escrita num estilo acessível, que torna a leitura extremamente aliciante, sustentada pela correta tradução de Eurico Monchique –, o aspeto que subjace de forma transversal é o carácter superior e divino da música, cuja harmonia não é mais do que o reflexo da harmonia divina, da harmonia do universo, do cosmos. Uma projeção da ordem superior, do equilíbrio da criação. Nesse sentido, resulta surpreendente verificar o poder e o alcance da intuição humana, pressentindo ou intuindo aspetos e/ou factos que só muitos séculos depois conseguiram ser explicados, total ou parcialmente. É o que acontece com a teoria das cordas, um dos pontos mais interessantes da obra aqui recenseada, diretamente relacionada com uma das áreas de investigação mais relevantes da atualidade no campo da física quântica.

O termo “corda” foi utilizado pela primeira vez por Werner Heisenberg em 1943 (p. 38) e por Max Planck, para nomear um tipo de partícula simples, que poderia vir a explicar a totalidade do Universo. Ambos físicos tinham, também, uma sólida formação musical. O primeiro era um pianista consumado enquanto o segundo, também pianista, era ainda compositor, cantor lírico e violoncelista notável (p. 38). Segundo a teoria quântica, um eletrão, um fóton ou um quark são compostos por entidades ainda mais pequenas, denominadas “cordas”, que vibram segundo um modelo de 11 possíveis dimensões. Desta forma, a metéria seria uma forma de vibração, com o qual, toda a realidade que conhecemos seria música (p. 38, nota 33).

Após o capítulo introdutório, Luís Antonio Muñoz divide a obra em 3 partes temáticas: “Música, seitas e sociedades secretas”, “Espíritos e demónios na música” e “Os números ocultos”. No primeiro caso, alguns dos aspetos mais interessantes que o autor aborda estão relacionados, por exemplo, com os templários e o misterioso tubo de órgão de dimensões colossais existente na igreja do Convento de Cristo de Tomar (p. 47-54); o subcapítulo dedicado à música enigmática (p. 69) ou as canções maçónicas (p.89), onde o autor destaca, entre outros exemplos, as conotações maçónicas presentes na ópera *A flauta mágica*, de Mozart (p. 90).

Na segunda parte, o ponto de maior interesse é o dedicado aos “Compositores do além” (p. 147), onde resulta especialmente interessante o caso de Rosemary Brown (p.167), que afirmava ter canalizado os espíritos de vários compositores, interpretando e escrevendo a sua música. O mesmo se aplica ao subcapítulo dedicado à escrita musical mediante acrósticos ou encriptação (p. 152). Por

sua vez, na terceira parte, dedicada ao poder oculto dos números, destaca o subcapítulo que se debruça em torno das geometrias musicais (p. 234), onde o húngaro Bela Bartók assume o papel de compositor áureo (p. 239), na sequência de uma estrutura de composição que se enquadra nos parâmetros da matemática proporção áurea. A cabala cristã, preconizada no século XV pelo humanista italiano Giovanni Pico della Mirandola (p. 247), a música aleatória ou o dodecafonismo do austríaco Arnold Schönberg constituem outros pontos de interesse nas páginas finais desta obra, acrescida de uma bem selecionada bibliografia.

A história oculta da música é uma obra despretensiosa, mas bem conseguida, com uma componente interativa que a torna acessível a um público bastante abrangente. O âmbito temporal e a diversidade dos aspetos que contempla podem despertar, também, o interesse de estudiosos e investigadores de diversas áreas do saber, eventualmente interessados em retomar o estudo destas temáticas a partir de novas perspetivas de investigação, incentivadas, talvez, pelos inúmeros recursos técnicos disponíveis atualmente, assim como pelo espírito interdisciplinar que se impõe cada vez com mais força no mundo da investigação científica. Neste sentido, seria extremamente interessante, num futuro não muito longínquo, desvendar de que forma os aspetos ocultos da música se manifestam na obra dos compositores portugueses.

Rosa María Sánchez
CITCEM - FLUP